

# TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E IDENTIDADE: A PARTIR DA REALIZAÇÃO DE CURTA-METRAGEM VIDA DE PEDRO NA PERIFERIA DE FORTALEZA NO BAIRRO CONJUNTO PALMEIRAS

Gilson Soares Cordeiro (Posla- UECE)  
gilson.cordeiro@ifce.edu.br

## 1. Introdução

Neste trabalho, procuramos cotejar o debate em torno das identidades de um grupo de jovens moradores do bairro Conjunto Palmeira, integrantes do grupo *pavio curta*<sup>1</sup> na periferia da cidade de Fortaleza quando estes empreitaram a tarefa de tradução da canção *Dirty Boulevard* do cantor estadunidense Lou Reed para um curta-metragem *vida de pedro*, o qual se inscreve, como pensa Jakobson (2007), em uma tarefa intersemiótica. Estivemos juntos para a efetivação da pesquisa durante nove meses, percorremos um viés etnográfico de pesquisa através de trabalho de campo, construindo nossos *corpora* entre encontros com os alunos, discussões de roteiro, oficinas e gravações, a anotações em diário de campo.

Escolhemos o bairro Conjunto Palmeira, por acreditar que ele, assim como outras regiões periféricas de Fortaleza, inscreve-se em uma lógica hegemônica em que determinada camada social através de vários segmentos midiáticos atribuem traços de violência, morte e horrores a estas comunidades, legitimando paradigmas de exclusão social.

Desse modo, é possível que o *olhar*, as formas de recepção dos próprios moradores, seja posta em um processo de coerção no qual se passe a enxergar as paisagens do entorno como espaço simbólico da violência e da injustiça, passando a enxergar a si próprios como habitantes das sombras e do medo.

Nessa conjuntura e coerção, é ponto basilar o entendimento desse espaço de hegemonia segundo uma perspectiva gramsciana em que a imposição cultural é um processo contingencial, situado historicamente, realizado por sujeitos que dialogam com o poder na medida de uma tensão entre coerção e consenso, criando um espaço em que a dicotomização valores dominantes e dominados não são fronteiras tão rígidas.

Nesta perspectiva, o trabalho de tradução surge como profícuo veículo de reflexão em torno das escolhas tradutórias como políticas de representação, políticas de identidade (MENDONÇA, 2008; FERREIRA, 2010). Foi nessa trajetória que propus o trabalho que contemplasse a comunidade em que passei parte de minha infância e toda minha adolescência

---

<sup>1</sup> O grupo composto por jovens do bairro fora criado por ocasião de minha pesquisa de dissertação e permanece atualmente com outros trabalhos de produção audiovisual.

e com a qual tenho até hoje laços de vivências como o local onde trabalho, onde moram meus pais e irmãos, amigos.

Dividimos este artigo em três seções que seguem: uma abordando de qual lugar teórico cotejamos a temática de tradução; a segunda, trazendo reflexões sobre questões de identidade e política de representação e a terceira, uma breve análise das questões de identidade destes agentes tradutores a partir do curtametragem *vida de pedro* efetivado.

## **2. A tradução como *acontecimento e resistência* e a dificuldade de uma teoria da tradução**

Para início desta seção, vale ressaltar que nosso esforço em tecer um percurso dos estudos tradutórios não se apoia na crença de que seja possível uma história ou teoria abstrata da tradução. De fato, nos apoiaremos na noção de que a tradução é uma atitude de resistência e um acontecimento de intervenção na língua e como tal escapa a tentativas de metanarração:

A tradução é *acontecimento*, uma transformação que põe em evidência a própria língua, impossibilitando, assim, qualquer tentativa de sistematização, perturbando qualquer tentativa de *apagamento da língua* (OTTONI, 2005. p. 80).

Nesse sentido, continua o autor, “A tradução traz em si uma tensão que resiste à sua fixação em períodos estanques, daí as múltiplas tentativas de formalização teórica e histórica” (*ibidem*, p.78). Essa resistência é um componente imperativo para o entendimento/problematização da tradução. Tal resistência não deve ser entendida no sentido de que os estudos de tradução não tenham afinidades ou que sejam por demais movediços a ponto de nenhuma forma de conjunto, linha ou abordagem possam ser apontados. Na verdade, a resistência dá-se no interior da própria tradução, uma resistência à análise, uma resistência à síntese dos dois polos que entram no processo de tradução: texto de partida e de chegada.

Desse modo, nem a postura analítica, nem a dialética pode resolver o problema de uma teoria sobre a necessidade/impossibilidade da tradução. Nesta perspectiva, uma (im)possível teoria da tradução deve ater-se ao fato de que não há o apagamento do texto de partida, nem há a “transparência/pureza” do texto de chegada, há opacidade, remissão dialógica entre eles, um jogo de semelhanças e diferenças entre eles que quer ser visto, sentido; a *diferença* quer existir como presença na língua.

A *Suja Boulevard* não está contida em *vida de pedro*. O texto *Suja Boulevard* não pode ser entendido como uma presença transformada em um discurso audiovisual. O curtametragem *vida de pedro*, por sua vez, não se trata de um produto em que se possa, após retirar a *névoa* da diferença, visualizar a essência da canção *Suja Boulevard* lá estabelecida.

*vida de pedro* e *Suja Boulevard* dialogam na intensidade de um querer *apagar* o outro, mas que a tentativa é malogra já que eles existem como acontecimento de linguagem em que a presença de um remete a ausência do outro, uma negação que não apaga, mas atesta a presença pela negação, a diferença enquanto ação na linguagem.

Desse modo, a tradução resiste ao processo que torna evidente a oposição entre língua de chegada e de partida. Essa resistência põe em cheque a abstração teórica que toma as línguas como opostas, antagônicas. Segundo Ottoni (2005),

estamos afirmando que há sempre *resistência* quando se pretende uma teoria sobre a linguagem, o que vai ao encontro de uma proposta, como a que pretendo, de uma teoria resistência da tradução encarada como *Double bind* (OTTONI, 2005, p.74).

De fato, a resistência exige uma complementaridade pragmática entre as línguas, exige o desmoronamento da teoria e da história: “A manutenção desses pólos [língua de chegada e de partida] em oposição é que sustenta tanto uma teoria como uma história” (*ibidem*, p.72).

Tendo em vista estas discussões de (im)possibilidade de uma história da Teoria da Tradução propriamente dita, não podemos negar a vontade de se construir uma estabilidade provisória de um objeto: “Mesmo que se tenha consciência das dificuldades, há sempre o desejo de chegar de maneira conclusiva a uma identificação, a uma estabilidade do objeto de estudo” (*ibidem*, p. 77).

Para Seligmann-Silva (2005), é preciso se pensar que “Nunca há uma transparência total, o resíduo, a diferença é que constitui a obra” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 106). Pode-se entender a partir da afirmação do pesquisador que a *diferença* é um lugar vazio a ser constantemente e infinitamente preenchido na negociação de abandonos.

A autoria na obra traduzida, nesse sentido, é uma arena de entrechoques que sob pressões institucionais e/ou deliberações subjetivas põe em circulação determinado capital simbólico, determinado projeto de canonização ou resistência que, no nosso caso, coaduna-se com o própria desejo de representação destes jovens através do discurso audiovisual. Como corrobora Mendonça (2008)

É preciso reconhecer que as produções audiovisuais operam a partir de políticas de visibilidade que tem a capacidade de atribuir aos diferentes atores sociais, individuais ou coletivos, valores simbólicos e relevância social que lhes outorgam reconhecimento e legitimidade. Da mesma forma, as políticas de visibilidade são, simultaneamente, políticas de invisibilidade à medida que os modos de produção, distribuição e circulação de produtos audiovisuais dirigem e educam os olhares (MENDONÇA, 2008, p. 02-03).

Vale acrescentar também que a prática de realização audiovisual que nossos atores sociais engajaram-se tem nos últimos anos proliferado nas comunidades que fora dos circuitos

hegemônicos de produção de imagens, sons, cores, narrativas, buscam espaços de resistência na crescente explosão dos diálogos entre as mídias. Nessa babel sígnica (SANTAELLA, 2005a), na chamada sociedade da informação, uma série de formatos e produtos culturais são postos em circulação nas mais variadas camadas populares. Dentre estes recursos, as modalidades audiovisuais através do boom da tecnologia digital estão cada vez mais ao alcance de grupos das chamadas classes/grupos populares, periféricas. Tal quadro de diálogo entre as mídias é certamente um fator que atesta o caráter híbrido das formas de expressão contemporâneas: romances adaptados para filmes, roteiros adaptados para romances, filmes para videogames e outras formas de intersecção

Neste contexto, os fenômenos de interação semiótica entre as diversas linguagens, a colagem, a montagem, a interferência, as apropriações, integrações, fusões e re-fluxos interlinguagens dizem respeito às relações tradutoras intersemióticas (PLAZA, 1987, p. 12).

Tal problematização somente efetiva-se de forma profícua, se tomarmos a tradução intersemiótica em cotejo como uma modalidade de produção audiovisual para além da positivação de certos signos culturais. Pensamos a adaptação aqui empreitada, a luz da diferença, pelo seu caráter de diálogo com o negativo, com o que não foi trazido para a tessitura do texto, mas que está lá como *outro*, resistindo ao seu abandono pela efetivação com o positivo: a relação da diferença, como sintetiza Ferreira (2006)

Embora, toda identidade seja relacional, por isso mesmo, constituída de e atravessada fundamentalmente pela diferença, o perfil identitário do outro é construído em referencia àquilo que o *mesmo* não é-sendo, portanto, exatamente sua ausência (FERREIRA, 2006, p. 190).

Por exemplo, no nosso processo de tradução, a cultura *punk* de contestação e rebeldia dos anos 70, 80 n'Os Estados Unidos da América presente no texto de partida poderia ser entendida como alvo de um “apagamento” pela sua ausência na tessitura do audiovisual, ou seja, o processo tradutório deixaria entrever nos traços identitários deste jovens um abandono quanto ao estilo contestatório *punk*.

De fato, a contestação *punk* não foi apagada, ela foi abandonada. E aqui surge uma crucial diferença de entendimento no processo de traduzir entre apagar e abandonar. O apagar pressupõe que algo deixa de existir, a inexistência; o abandono aponta para o ainda laço com o que se nega, um enlace sobretudo de afeto em que há sempre o medo do não retorno. No abandono, sempre voltamos para um objeto estranho/novo: o movimento *punk* não é perdido, ele é ressignificado pela tradução da contestação juvenil da periferia do terceiro mundo. O importante é “ter transformado o luto pela perda num jogo de perde-ganha” (SELIGMANN-

SILVA, 2005, p. 202). Temos um *punk traduzido* no processo tradutório deste grupo de jovens. Para Seligmann, o abandono só pode ser entendido em uma poética de um abandono. Na verdade, temos a tradução, como um jogo remissivo infinito em que a diferença é a origem, o não lugar.

### **3. Problemática da identidade: (in)certezas de fragmentação e unidade**

Por que se fala tanto em identidade nos dias atuais? Por que a problemática insere-se em tantas pesquisas? Por que tem fomentado tantas linhas de pesquisa em tantos Programas da Academia pelo mundo afora? Pensamos que tal preocupação não surge somente como adereço retórico, ela diz mais sobre a própria condição de que esses pesquisadores (e por que não nós mesmos) não podem esquecer que têm uma demanda ética nas mãos ao tratar do assunto.

Vale à pena perguntar sobre identidade em um tempo de tantas assimetrias e urgências materiais em termos locais e globais? O fato é que quando nos questionamos por que se fala tanto em identidade ou o porquê da importância desses estudos, estamos nos questionando sobre qual ponto de vista, qual episteme sobre identidade queremos problematizar e nossa relação com o mundo social a partir dela e nela. De fato, acreditamos que a pergunta em pauta desdobra-se em outro questionamento: estamos ainda presos a uma categoria essencializada, natural de identidade, distante da materialidade, das assimetrias e urgências éticas?

É possível pensar identidade sem cair nessa concepção naturalizada? Que relação tem identidade e ideologia com dominação e resistência? Nessa perspectiva, tomemos inicialmente o que diz Bauman (2005) ao problematizar uma possibilidade de resposta para a questão.

É realmente um dilema e um desafio para a sociologia - se você se lembrar de que, há apenas algumas décadas, a 'identidade' não estava nem de perto no centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica. Atualmente, no entanto, a 'identidade' é o 'papo do momento', um assunto de extrema importância e em evidência [...] você só tende a perceber as coisas e colocá-la no foco de seu olhar quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma outra forma (BAUMAN, 2005, p. 22-23).

Para Bauman, algo desvaneceu, fracassou, está se comportando estranhamente. Essas ações, desvanecer, fracassar, comportar-se estranhamente são movimentos que só podem ser pensados fora de um paradigma de algo imutável, igual a si mesmo, necessário e universal, generalizante, abstrato; o pesquisador deixa entrever que sua concepção de identidade não

pode ser pensada a partir de categorias que ocupam o campo do suprassensível, do ideal.

Rajagopalan (2006), por sua vez, acrescenta um viés ontológico ao debate, que não se deixa escorregar para a idealização, insiste na concretude material de nossas vidas. Para o pesquisador, as respostas pela identidade também remontam a perguntas pela própria existência, seus mistérios de (in)finitude.

Perguntas que põem em relevo a obscuridade, os limites da razão e do entendimento humano. Desse modo, o pesquisador lança a hipótese de que o perguntar pela identidade não é um traço exclusivamente contemporâneo, o perguntar pela identidade 'sempre foi uma preocupação constante, não só dos filósofos profissionais como também das pessoas comuns. Por trás da pergunta escondia o medo da morte: será que a morte é o fim de tudo?' (RAJAGOPALAN, 2006, p. 64).

O enquadramento puramente ontológico que a fala do pesquisador poderia suscitar é apenas aparente. De fato, o linguista posteriormente complementa sua resposta com uma advertência de que a saída ultrapassa a noção ontologizante: o medo da morte, saber quem somos; trata-se de um essencialismo estratégico,

Essencialismo estratégico, convém nunca esquecer, é um gesto político, por conseguinte, é também eminentemente intervencionista. Compreender a questão da identidade como algo do qual não podemos subtrair a dimensão política sob pena de descaracterizá-la completamente é dar um passo inicial em direção a uma abordagem das identidades como construtos, sendo constantemente revistos de acordo com interesses específicos do momento (RAJAGOPALAN, 2006, p. 76).

Em síntese, o viés político levantado por Rajagopalan coaduna-se com a formulação de Bauman; juntas, as afirmações reforçam a urgência pelo entendimento da identidade inscrito em uma problematização mais geral da realidade em que vivemos, contexto em que cada vez mais mescla local e global; profusão de mídias e aparatos tecnológicos; mestiçagem dos campos arte e mídia; diásporas e êxodos de pessoas de toda sorte que oscilam entre hospitalidades, fundamentalismos; exotismos; apagamentos e destaques violentos ou subliminares; consumismo e resistências; ideologias e suas formas de opressão e resistência (BAUMAN, 2005), (SELIGMANN-SILVA, 2005).

Diante desse debate, Rajagopalan (1998) assume que a linguística não deve ficar a parte dessas problematizações e se fechar em *velhas* concepções essencializadas de identidade (1998, p. 40)

O conceito tradicional de identidade em linguística necessita de uma revisão urgente. A identidade individual como algo total e estável já não tem nenhuma utilidade prática num mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica, numa escala sem precedentes.

Esse sujeito tem hoje de suportar um enorme peso a partir da negação e/ou afirmação com estes grupos, o que nos aponta para um essencialismo estratégico (RAJAGOPALAN, 2006). Hoje cada vez mais sabemos/experimentamos que não há vida, há “política vida” (GIDDENS, 2002), em diferentes graus de angústia, estamos rodeados de estilos de vida que aparecem como demandas dessa “Política-vida’ que cuida da autorrealização humana, ao nível do indivíduo e coletivamente – surge da sombra que a ‘política da emancipação’ projetou” (GIDDENS, 2002, p.16).

#### **4. A tradução intersemiótica entorno de identidades e a tarefa tradutória**

A comunidade do Conjunto Palmeiras, como vimos, tem sua história marcada como um território de mobilização política que se reverbera no embate pela representação do bairro como espaço de crítica e resistência às representações impostas por outros grupos ditos hegemônicos. O curta-metragem *vida de pedro* apresenta-se como um discurso audiovisual que se insere nessa política de representação do bairro em que a complexidade do entendimento de pertencimento é posto em baila.

Nessa discussão, debatemos sobre política de representação como comentado em Rajagopalan (2003), Ferreira (2010), políticas de identidade que podem ser também discutidas como políticas de/por identidades.

Nessa perspectiva, durante o debate tradutório a agenda política desse grupo esteve radicalmente em diálogo com essa história de representação da comunidade. Na empreitada de traduzir, a reflexão sobre o vetor identitário pertencer ao bairro, ao periférico, ao popular, ao marginal esteve em trânsito no atravessamento de nossas histórias, vivências e falas.

Durante estes embates, percebi que havia sempre uma grande preocupação por parte dos sujeitos tradutores de saber se haveria ou não uma identificação explícita entre o curta e o bairro, melhor dizendo, eles tinham diferentes preocupações se quem assistisse ao *vida de pedro* iria ou não associar aquela narrativa ao bairro em pauta.

Vale lembrar que para decidirmos quais imagens e trilha comporiam as primeiras cenas do curta, várias questões foram postas em pauta durante o processo de tradução. Desse modo, a ambientação inicial do curtametragem, o primeiro minuto e meio que apresenta o espaço da narrativa esteve radicalmente inserido na pergunta: com que imagens, sons, cores, ângulos queremos construir nossa representação? Em outras palavras, nesse discurso audiovisual que política de representação estávamos pondo em pauta? O vetor *pertencimento* nessas discussões processuais fora uma constante, sob diferentes entendimentos, negociamos

como trabalhar com nossas diferentes ideias de pertencer.

Como exemplo, as cenas iniciais do curta exibem um recorte da vida cotidiana da comunidade. Nestas cenas, o ordinário tem seu valor como palco de vivências: pessoas conversam, esperam o ônibus, bebem em um bar; meninos jogam futebol; um garoto vai ou vem da escola; os espaços aparecem como certeza da vida que se agita: as roupas, cortinas que tremulam; tudo isso corroborando o entendimento complexo da comunidade que não camufla a família de catadores que também vive o bairro e suas possíveis violências, nem por isso o colorido é deixado de lado, a textura do vermelho e do azul preenche os quadros somando-se ao ritmo alegre dos rifes de guitarra, mesmo que no plano de fundo vejamos as paredes de tijolos esperando a caiação e uma cidade de altos prédios ao longe, a cor existe e reverbera em nossas vidas.

Essas cenas, como toda a construção audiovisual do curta, articulam-se sob a perspectiva de um horizonte de uma tomada de consciência de resistência deliberada frente à barreira social imposta pelo grupo *eles*, o qual não pode ser entendido como um grupo fechado e imutável, *eles* também é uma construção de ficção a partir do que antagonizamos quando nos autodenominamos *nós*. Portanto, *eles* enquanto hegemonia e elites de poderes existem, enquanto existir um *nós* em condições extremamente assimétricas em relação a *eles*. Essas deliberações de representação estiveram em jogo em vários momentos desse projeto tradutório que empreitamos. O trabalho tradutório como um acontecimento na língua foi de suma importância para tornar visíveis estas deliberações.

O primeiro embate tradutório que foi posto em baila construiu-se no confronto entre as noções de pertencer a periferias. A periferia de Manhattan e a periferia de Fortaleza compareceram ao trabalho (im)possível da tradução não como lugares dados, mas como construções a serem negociadas. Interessante foi perceber que quando discutíamos a positivação do outro periférico: Pedro e sua vida em Nova Iorque, os lugares que eram discutidos para Pedro na comunidade do Conjunto Palmeiras pareciam não tornarem-se antagônicos aos de Pedro estrangeiro, mas complementarem um ao outro.

Nesta perspectiva, Pedro catador era estabelecido pelo lugar do abandono, como fora descrito em Seligmann-Silva (2005), tomando o lugar do outro para se pensar o nosso. As assimetrias que imaginávamos para Nova Iorque fortaleciam a compreensão da vivência das assimetrias em Fortaleza e a não utilização de certas passagens de *Suja Boulevard* não eram apagadas como improdutivas à política de representação do bairro, mas eram recriadas a partir deste local da diferença. Por exemplo, ao discutimos se apareceria o nome Conjunto Palmeiras explicitamente durante o curta, criou-se certa tensão entre os tradutores, alguns

queriam que o curta inicia-se com o nome explícito do bairro, outros não. Os primeiros pautavam-se na ideia de que em *Suja Boulevard* a localização de Pedro é explícita pelos nomes de lugares Hotel Wilshire, túnel Lincoln, a estátua da liberdade, os segundos se questionavam se aquelas condições só existiriam em Manhattan, ou haveria outras localidades de assimetrias n' Os Estados Unidos da América, portanto, haveria outros *pedros* espalhados pelo país.

Desse modo, a discussão partiu dos signos culturais estadunidenses, mas desembocava em nossas próprias demandas de compreensão de nossa realidade, estávamos em pleno processo de tradução, em pleno processo de reflexão sobre nossas identidades a serem representadas. Citemos como exemplo, o debate em torno da questão identificação:

Pesquisador: 'Agora eu quero perguntar pra vocês uma coisa, assim? Vou dar só um exemplo? Num tem uma placa ali bem vindos ao Conjunto Palmeiras... ai filma a placa?'

Mariana: Sei!

Gislana: Tô entendendo igual aqueles filmes quando vai chegando na cidade...

Pesquisador: Ou então filma, por exemplo...

Letícia: A Associação dos Moradores

Pesquisador: Filma qualquer nome, qualquer lugar que tenha a indicação do Conjunto Palmeiras, isso é necessário?

Leia: Acho que sim

Gislana: Acho que não

Jonathan: Apresentando ... assim São Paulo (Risos gerais)

Gislana: Eu acho que não precisa se a pessoa tá focada no garoto, na história do garoto... botando... focando o nome do bairro tanto faz se é no Palmeiras, Messejana, **ai a pessoa vai ligar o garoto ao bairro.**

Marcos: Até por que quem vai assistir vai ficar assim... vai tipo se inspirar naquele filme, vai pegar aquele negócio pra ele, na sua convivência, né?

Jonathan: A pessoa quando assiste o filme não vai olhar assim para ele, pensando onde ele foi filmado

Letícia: **Vai pensar que só aqui é que tem pobre (risos)**

Gislana: **Não pode generalizar tem que deixar em aberto para as pessoas pensar**, ah parece com bairro tal, parece com aquele outro. **Ficar em aberto pra pessoa decidir qual bairro está parecendo.**' (grifos nossos)

Na construção do curta-metragem, o nome Conjunto Palmeiras não surge do ponto de vista da composição fotográfica em close ou em primeiro plano. De fato, o nome insurge-se discretamente em planos gerais ao fundo da vida em pleno movimento do bairro, como no ônibus que trafega e traz a inscrição do lugar ou quando na sequência de rua de Pedro, surge o nome da instituição ABC Palmeiras, quase imperceptível, ao fundo de sua solidão em quadro.

De fato, a política de representação do grupo em pauta deve ser entendida como um lugar que reside/resiste nessa esfera do fazer simbólico em que, mesmo sabendo dos limites da liberdade imposta pelas formas de dizer e de ser pautadas na ideologia dominante,

o discurso audiovisual desses jovens é uma ação na possibilidade da resistência, pelo menos pode ser encarada como o esforço de representar-se por si mesmos, procurando tornar visível uma narrativa, o que implica logicamente na exigência de um lugar de escuta.

Portanto, no discurso audiovisual o grupo pavia curta, parece-me, pautar-se na procura por uma nova narrativa, como sintetiza Mendonça (2008, p. 04)

Essa busca das novas narrativas e das novas possibilidades discursivas passa inevitavelmente pelas formas de reorganização social que estão emergindo após a fragmentação das instituições tradicionais de lutas populares (partidos, associações, sindicatos). Esses novos grupos ou 'coletivos' conhecem bem a necessidade de adquirir visibilidade social, para legitimar-se diante de membros de seu grupo ou da sociedade e recorrem, freqüentemente, às estratégias discursivas e às ações demonstrativas como elementos fundamentais. Dentro dessas estratégias discursivas destaca-se a produção audiovisual como elemento de mobilização e de visibilidade.

Por este plano de análise, essas narrativas põem em circulação o debate da noção das assimetrias como fenômenos da ordem macroestrutural. Esse ponto específico da agenda política do grupo dialoga com a história de consciência e mobilização do bairro. Percebemos que tal elemento da agenda encontra-se atravessado em outras propostas de coletivos, como nas associações do bairro, nos movimentos de pastorais, nos grupos artísticos e outros. Estes grupos, a despeito da afirmação da autora acima de que estejam em declínio, continuam a ter força no bairro.

### **Considerações Finais**

Acredito que a primeira consideração que posso cotejar aqui seja o convite ao entendimento, problematização da tradução intersemiótica como um espaço não só de estudo da interseção de linguagens, mas sobretudo de produção nas linguagens, seja fílmica em curtametragens, videopoemas, instalações, audiodescrições, legendagens e tantas outras intersemiotidades. Acredito que em Linguística Aplicada também nos cabe a reivindicação da atitude de realizadores e que esses tradutores/realizadores possam ser pensados como instauradores de políticas de visibilidades.

Além disso, a questão do pertencimento foi alvo do debate, reiterando a noção de que pertencer é uma vontade política que ultrapassa os limites da territorialidade, mas que, ao mesmo tempo como um conceito do campo do complexo, traz à cena o estigma social de pertencer à determinada região dita como periférica. De outro modo, o discurso que o grupo visa fomentar como uma política de representação de visibilidade para o Conjunto Palmeiras como comunidade fora da estereotipagem de periférico deve ser tomado com cautela uma vez

que esse mesmo discurso acaba por vezes trabalhando na contramão, dando visibilidade ao periférico estereotipado ao negá-lo.

Outro ponto a destacar dá-se diante de nossa dificuldade em encontrarmos trabalhos que tomassem a tradução intersemiótica nesse viés de realização com concomitante análise processual da tarefa tradutória. Nesse sentido, tivemos a tarefa nas mãos de busca de um método de análise. Portanto, deixamos também em aberto o aprimoramento do método em que buscamos construir o entrelaçamento entre etnografia e o trabalho de produção e análise da tradução intersemiótica.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Identidade e poder: reflexões sobre a lingüística crítica. In RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria Martins (org.). Políticas em Linguagem: perspectivas identitárias. São Paulo: Mackenzie, 2006.

ALVES, Soraya Ferreira. A resignificação do livro O jardineiro fiel de John Le Carré no filme de Fernando Meirelles: O cruzamento de olhares do “primeiro” e do “terceiro mundos”. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA, 6., 2007, Fortaleza. *Anais...*, Fortaleza: universidade Federal do Ceará, p. 01- 10.

ASMOCONP - ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO CONJUNTO PALMEIRAS. Favela do Bairro Conjunto Palmeiras: habitando o inabitável, Fortaleza: Quadricolor, 1991.

BARBOSA, Andréa. Imagens e memórias na construção de uma experiência da e na cidade de São Paulo. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem do Estado do Rio de Janeiro*: Núcleo de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro, n. 22, UERJ/NAI, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERREIRA, Ruberval. A questão da representação na Análise de Discurso Crítica: algumas questões para o debate. In: *Anais do Seminário de Análise de Discurso Crítica*. Fortaleza, 2010, p. 437-450.

\_\_\_\_\_. *Guerra na língua*: mídia, poder e terrorismo. Fortaleza: EdUece, 2007.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

\_\_\_\_\_. *Da Diáspora*: Identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org.). Tradução: delaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins. *Produção audiovisual e expressão da cultura subalterna*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Cultura das Mídias”, do XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, em junho de 2008. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_414.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_414.pdf)>, acessado em 15 de mar. 2011.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (org.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2006.

OTTONI, Paulo. *Tradução manifesta: Double Bind & acontecimento, seguido de fidelidade a mais de um: merecer herdar onde a genealogia falta de Jacques Derrida*. Campinas: Ed. Unicamp e EDUSP, 2005.

PLAZA, J. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RAJAGOPALAN, Kanavillil et al. Pós-modernidade e a política da identidade. In: *Políticas em Linguagem: Perspectivas identitárias*, 2006.

\_\_\_\_\_. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In: SIGNORINI, Inês. *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Mercado de Letras; Fapesp, 1998. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)

SANTAELLA, Lucia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. In: SELINGMAN-SILVA, Márcio. *O local da Diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: editora 34, 2005.

SELINGMANN-SILVA, Marcio. A arte de dar forma ao real: a poética de Leila danziger. In: SELINGMANN-SILVA, Marcio. *Palavra e Imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006.